

Do quadro de giz as práticas de ensino online – delineando novos papéis para professores e alunos.

Jacqueline Márcia Leal da Silva¹

Lynn Alves²

Pensar o processo de ensinar e aprender seja em qualquer modalidade de ensino, presencial ou a distância, requer atentar para o tripé aluno – conhecimento – professor. Categorias totalmente imbricadas, não existindo, portanto uma sem a outra.

Um processo que envolve interação entre estes três elementos, no qual ocorrem metamorfoses contínuas, isto é, alunos e professores modificam o objeto do conhecimento e são transformados por ele. Caracterizando assim, um processo dialético. Perspectiva que está no bojo das teorias psicogenéticas³.

Adotar essa concepção teórica vai de encontro a atual tendência de caracterização dos professores em ambientes de EAD como reproduções do docente tradicional ou como meros tutores, auxiliares de um processo de aprendizagem sem qualquer identidade ou função específica.

Dentro dessa concepção, limitar o papel do professor de cursos a distância mediados pelas diferentes mídias (impressas, sonoras, imagéticas, digitais e telemáticas) à denominação de mero tutor, pode significar o resgate de uma concepção de aprendizagem instrucionista, baseada nos princípios propostos pelos behavioristas.

A denominação professor e tutor não é apenas uma diferença semântica, mas implica em uma posição teórica. O termo tutor designa o indivíduo legalmente encarregado de tutelar alguém; protetor, defensor; aluno nomeado a ser professor de outros alunos em formas alternativas de ensino⁴ (ALVES e NOVA, 2003⁵). Acreditamos que a ação do professor que atua à distância não se

¹ Mestranda em Educação e Contemporaneidade e Professora do Departamento de Educação da UNEB – Campus I e das Faculdades Jorge Amado.

² Doutora em Educação e Comunicação e Professora do Departamento de Educação da UNEB – Campus I e das Faculdades Jorge Amado.

³ Teorias que estudam gênese dos processos psíquicos. Ver Piaget, Vygotsky, Wallon, Ferreiro e Teberosky, entre outros

⁴ DICIONÁRIO Aurélio - Século XXI, versão 3.0, dezembro de 1999, em *cd-rom*. São Paulo: Nova Fronteira.

limita a apenas tutelar alguém e que o simples fato de trocar o vocábulo por outro não significa um diferencial dos cursos *on line*.

A experiência tem nos mostrado que os sujeitos que atuam como ensinantes na EAD reproduzem as suas práticas como se estivessem em uma sala de aula convencional, esquecendo das peculiaridades destes ambientes. Concebemos o professor dos cursos presenciais e principalmente dos cursos a distância como mediadores do processo de ensinar e aprender.

Estes sujeitos apropriam-se da técnica, para pensar metodologias compatíveis com o ambiente virtual e a diversidade cultural e social do universo dos alunos de cursos à distância (ALVES e NOVA, 2003).

Desta forma constitui-se condição *sine qua non* que todos os sujeitos envolvidos no processo de pensar cursos a distância participem de todas as etapas de planejamento, elaboração, concretização e acompanhamento do projeto de curso, propondo e concretizando práticas condizentes as atuais demandas contemporâneas.

A construção da relação professor – cursista

Na educação a distância, especificamente na modalidade on line, nos depararemos, obviamente, com limitações inerentes ao trabalho utilizando o suporte digital e telemático, para desenvolver a relação entre o educador e o sujeito aprendente.

A riqueza que se constitui uma relação interpessoal na situação presencial não deve ser pretendida de ser repetida de forma integral nas relações à distância. O olho no olho, a visualização de gestos, expressões, olhares sutis, posturas como um todo, não são possíveis de serem vivenciadas de forma tão completa nas relações mediadas por computador, mesmo porque esta não se propõe a reproduzir fielmente estes detalhes da complexidade das relações humanas. Contudo, é possível estabelecer vínculos afetivos significativos entre o professor e aluno dos cursos a distância, favorecendo assim, o processo de construção de conhecimento.

Especificamente nos processos de ensino e aprendizagem tais riquezas inerentes à relação educador–educando, constituem-se numa enorme bagagem de recursos que fundamenta e estrutura o ensinar e aprender. Por isso é de extrema importância a substancial vivência desta prática para

⁵ ALVES, L. R. G., NOVA, C. C. Educação à distância: limites e possibilidades In: Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. 1 ed. São Paulo : Futura, 2003, p. 05-27.

ressignificá-la, respeitando as diferenças entre os diversos contextos e indo além da transposição da educação tradicional para a tela do computador. A relação professor cursista deve, portanto, ser construída para dar conta do essencial das interações necessárias à constituição de um ambiente propício a atitudes e condutas de construção de aprendizagem.

O professor, a princípio, deve ser conhecedor e parceiro da proposta do curso e estar inteirado das informações acerca dos alunos para ter instrumentos que potencializem estas ações. Portanto, este não é apenas executor de tarefas, mas sim um construtor e mediador de possibilidades e relações pertinentes ao processo de construção de conhecimento.

O desenvolvimento do trabalho de acompanhamento dos cursistas, por conseguinte, se dá a partir de várias estratégias de caráter técnico-pedagógica que estão longe de se constituírem num receituário de regras, mesmo por que a ação educativa do professor é construída partindo dos seus conhecimentos teóricos, instrumentais e experienciais e que a partir dos seus processos de reflexão, são ajustados à realidade educativa pelo estabelecimento de soluções particulares.

No entanto, tentaremos trazer aqui algumas reflexões sobre as estratégias de construção de uma relação estreita e rica entre professor e cursistas que estará estimulando, motivando e contribuindo para construções cognitivas e práxis reflexivas.

Algumas reflexões

O professor de cursos a distância se defronta com o desafio de despertar nos aprendentes o desejo de pertencer, de compartilhar, de produzir coletivamente, saindo da condição de meros receptores para interatores (MACHADO, 2003⁶), participando, transformando e dinamizando o seu processo de construção em interlocução com diferentes pares situados no mesmo espaço geográfico ou não.

Assim, o professor deve está atento ao perfil da sua turma, realizando uma avaliação diagnóstica, a fim de investigar o nível de desenvolvimento real (VYGOTSKY, 1994⁷) dos alunos, isto é, os conhecimentos que já possuem sobre as temáticas que compõem cada módulo, bem como o nível de interação com as mídias utilizadas no curso. Estes dados subsidiarão as intervenções pedagógicas,

⁶ MACHADO, Arlindo. Regimes de Imersão e Modos de Agenciamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Computação – Salvador/BA – 1 a 5 Set. 2002.

⁷ VYGOTSKY, Lev Semynovitch. A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Org. Michael Cole...[et al.]; São Paulo, Martins Fontes, 1994.

assegurando o alcance dos objetivos de professores e alunos, sujeitos do processo de ensinar e aprender.

Portanto, o acompanhamento cotidiano dos aprendentes, promove a identificação dos aspectos que deverão ser retomados, discutidos e ressignificados, subsidiando assim, a reflexão da prática pedagógica dos docentes, retroalimentando os encontros.

Este processo de acompanhamento exige muitas vezes a mediação das mídias síncronas, como o Chat, softwares de mensagens instantânea⁸, serviços 0800, favorecendo uma comunicação direta entre docentes e discentes objetivando manter uma unidade e coesão com a proposta do curso, evitando uma polissemia e desarticulação quanto às informações inerentes aos objetivos, aos aspectos cognitivos, metodológicos e avaliativos, que podem comprometer a qualidade da mesma.

Assim, conhecer os alunos e os seus conhecimentos prévios são pré-requisitos inerentes a qualquer atividade de ensinar e aprender, entretanto, na educação on line esta é ainda mais necessária e indispensável. Para tanto o professor deverá utilizar atentamente as ferramentas que disponibilizam este recurso. A maioria dos ambientes para EAD dispõe da ferramenta PERFIL, que oferece espaço para inclusão de foto e texto. É importante que o professor inicialmente oriente a utilização deste espaço, para que o aluno se apresente, fale de si das suas expectativas pessoais e profissionais e outras questões que tornem sua apresentação o mais pessoal e individual possível.

Caso o ambiente não disponha desta ferramenta, é possível realizar um primeiro fórum onde os participantes se apresentarão. A leitura atenta dos textos apresentados, já trará muitos dados para a condução do curso. É muito importante que o professor construa também o seu perfil rompendo com formalidades e estreitando as relações com o grupo.

As ações relacionadas à valorização de todas as participações através de intervenções, oportunizando diálogos de caráter significativo estão relacionadas à utilização de algumas ferramentas que constituem o ambiente colaborativo de aprendizagem. Estas ferramentas são assim denominadas por Matta de: “ambiente [ferramenta] que realiza a interatividade para a aprendizagem e construção do conhecimento propriamente dito [...] está diretamente ligada ao processo de construção de habilidades e de aprendizagem, que seria o foco das atenções do processo de ensino-aprendizagem”.⁹

⁸ A exemplo do ICQ ou MSN da Microsoft.

⁹ MATTA, Alfredo. Ambientes Pedagógicos Informatizados para as Comunidades EAD. Disponível em <http://www.matta.pro.br/pdf/prod_3_ambientes_pedagogicos_informatizados.pdf>. Acesso em 20. jul. 2004.

Os FÓRUMS VIRTUAIS e também as LISTAS DE DISCUSSÃO se constituem nas ferramentas referidas, permitindo o exercício das discussões e construções significativas e assim o professor poderá mediar, articular e manter os sujeitos envolvidos e ativos e não somente expectadores dos debates realizados entre uma minoria. Para tanto o docente vai tecendo uma relação de confiança, sempre incentivando qualquer intervenção, apontando os pontos significativos e também sinalizando os aspectos que necessitam de aprimoramentos. É importante que todas as intervenções dos cursistas sejam pontuadas, pois a ausência de uma colocação por parte do professor pode ser entendida como desvalorização ou desmerecimento e ser o início de uma fragilização da relação entre ambos.

A quase obrigatoriedade das intervenções por parte do educador, no entanto, não deve se constituir em meras observações sem importância e sim em formas de identificar o substancial do que foi colocado, fazer questionamentos que poderão dar oportunidade de se esclarecer e complementar o texto, provocar outras questões que não foram suscitadas e minimizar divagações ou debates que estejam fora dos objetivos daquele trabalho. Todas estas ações devem ser tomadas de forma não autoritária, mas objetivamente em direção ao que foi acordado e proposto para a atividade. Muitas vezes as discussões desencadeiam outras questões que poderão ser trabalhadas em outros fóruns abertos paralelamente.

Entretanto, estes espaços de debates tendem a ficar esvaziados, talvez pela timidez e receio de muitos ou mesmo pela falta de leitura e preparo de outros, cabe ao professor não permitir que as discussões se tornem frias, monótonas e repetitivas. Não somente lançando questionamentos, mas identificando e trazendo questões relacionadas às experiências ou vivências de cada cursista e gerando provocações individualizadas tentando trazer um a um, os cursistas para o cenário do debate, mas tudo isso procurando entender o tempo de resposta e participação de cada um, sem exercer pressões desnecessárias que poderão inibir totalmente qualquer participação ou mesmo desestimular completamente alguns alunos.

Desta forma, caberá ao professor, valorizar todas as participações através de intervenções, oportunizando diálogos de caráter significativo, alimentando constantemente o ambiente e as discussões, respeitando o modelo de aprendizagem dos sujeitos que é singular e mutável ao longo das interações sociais.

Apesar das relações nesta modalidade de curso se darem à distância o professor deve estabelecer vínculos concretos com os cursistas. Mesmo acontecendo encontros presenciais, deve lançar mão de outras ferramentas como o correio eletrônico (e-mail) ou mesmo o telefone para acompanhar os cursistas ou alguns, especificamente, que necessitem de uma atenção especial, ou por longas ausências ou dificuldade de acompanhamento da dinâmica imposta por esta modalidade de ensino. Neste ponto, gostaríamos de socializar um episódio¹⁰ que presenciamos e que retrata bem esta problemática. Uma mediadora ao perceber a longa ausência de uma cursista e após enviar várias mensagens via e-mail e sem obter resposta, entrou em contato com ela via telefone e descobriu que a mesma havia perdido seu pai há poucos dias, por isso a impossibilidade de participar das atividades e a perda de vários prazos. A professora, então reorganizou seus prazos, dando-lhe um período de afastamento. Com isso, além de ter a aluna de volta, conseguiu estabelecer uma relação muito próxima e respeitosa com esta aluna e com o grupo.

Estabelecer vínculos de proximidade e confiança, construir relações de afetividade e respeito são premissas importantíssimas para qualquer mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, principalmente tratando-se de relações mediadas também pelo computador, que muitas vezes é visto como uma máquina fria e utilizada por pessoas solitárias e com dificuldade de socialização. Idéia esta que entendemos ser equivocada e até mesmo tendenciosa¹¹.

O professor estará a todo tempo trabalhando com sujeitos e suas individualidades, mas não deve perder de vista o coletivo e o fazer coletivo, implicando todo o grupo nas atividades, estabelecendo agendas de trabalho à partir das sugestões do grupo, realizando ENQUETES para marcação de dias e horários para atividades síncronas como os chats (bate-papos) e para outras ações do grupo. É importante que todos se sintam responsáveis pelas decisões tomadas no grupo e assim implicados no processo.

Na relação professor/aluno uma das questões de maior importância está relacionada com o não ser tutor e sim, mediador. É a possibilidade de estimular a autonomia, a autoria e a criatividade nas relações com o sujeito aprendente. Como coloca Kenski¹²:

¹⁰ O episódio refere-se a uma turma do Curso de Extensão à Distância - TV na Escola e Os Desafios de Hoje promovido pela Secretaria de Educação a Distância/MEC no ano 2003.

¹¹ Vale a pena socializar também a experiência vivenciada na disciplina EAD, realizada no semestre 2004.1, no CEPPEV (que teve apenas dois encontros presenciais), quando em um dos muitos encontros síncronos virtuais mediados pelo MSN, uma aluna relatou que nunca imaginou que fosse possível estabelecer uma relação tão próxima e afetiva com um professor através da mediação tecnológica.

¹² KENSKI, Vani M. Novas Tecnologias na Educação Presencial e a Distância. In: ALVES, L. R. G., NOVA, C. C. **Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo: Futura, 2003.

Autonomia, criticidade e domínio das novas linguagens tecnológicas são competências necessárias e urgentes que se precisa exigir dos educadores nessa árdua tarefa de aproximação e distanciamento crítico das novas tecnologias para utilização consciente no ensino de todos os níveis (2003, p.30).

Assim, essa perspectiva pedagógica, além de intensificar um processo de auto-aprendizagem exige um maior nível de autonomia e autoria por parte dos alunos, na medida em que os sujeitos aprendentes tornam-se atores e autores do processo, dialogando com *interlocutores invisíveis*, já que a interação face a face passa a ocorrer em momentos pontuais, isto é, nas avaliações, nos encontros presenciais e/ou nas sessões de videoconferência.

Na perspectiva de Preti¹³

ter autonomia significa ser autoridade, isto é, ter força para falar em próprio nome, poder professar (daí o sentido de ser professor) um credo, um pensamento, ter o que ensinar a outrem, ser possuidor de uma mensagem a ser proferida. Em outras palavras, é ser autor da própria fala e do próprio agir. Daí a necessidade da coerência entre o dizer e o agir, entre a ação e o conhecimento, isto é, a não-separação desses dois momentos interdependentes (2000, p. 131).

Logo, a autonomia e autoria tornam-se palavras-chave dos processos de ensino a distância. O medo de se expor, de dizer o que pensa e sente ainda é uma emoção forte e presente nos cursos *off line* e potencializados nos ambientes *on-line*¹⁴. Aspectos que estão vinculados diretamente com a maneira que fomos educados ao longo da história da educação

Assim, é de extrema importância que o professor possibilite a construção de uma relação com o cursista de não dependência, nem com ele próprio nem com os autores estudados. O aluno deverá ser cobrado a posicionar-se e emitir sua opinião sobre as leituras, a colocar-se criticamente e não como reprodutor de tudo que já foi dito. Mas esta cobrança se dá no sentido de solicitação e não tanto de vigilância, visto que o perfil do aluno dos cursos à distância exige um sujeito autônomo, motivado e desejante de conhecimento. É claro que esta motivação e autonomia são também

13 PRETI, Oreste. Autonomia do aprendiz na Educação a Distância. In: PRETI, Oreste (org). **Educação a Distância – construindo significados**. Brasília: Plano, 2000, p. 125-146.

14 Palácios utiliza a expressão *off line* para referir-se as comunidades presenciais e *on line* para referir-se as comunidades virtuais.

PALACIOS, Marcos. **Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para Discussão**. Disponível na URL: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>>. Acesso em 30 nov. 1998.

buscadas e trabalhadas pelo professor, mas este aluno já deverá trazer uma maturidade própria para engajar-se em tal dinâmica e esteja também mobilizado para desenvolver sua prática construtiva no desenrolar das atividades.

Com isso, o exercício da autoria deve ser feito a todo o momento para tentar-se mudar a cultura da cópia e repetição. E é através do estímulo à criatividade que se caminha pela estrada da autoria. Caminho difícil visto que não costumamos fazê-lo de forma freqüente em toda a nossa formação escolar, mas que através da mediação com as tecnologias digitais da comunicação e informação é potencializado e concretizado.

As diversas formas de interação possíveis de serem estabelecidas num curso on line, só podem ser construídas com a participação de um professor como sujeito crítico de todo o processo, retroalimentando e sendo agente motivador e mediador de construções coletivas. Percebe-se que o fato do desenvolvimento das práticas educativas se darem à distância, não implica numa diminuição de responsabilidade ou encargos do professor, pelo contrário, a tarefa é extensa e bastante trabalhosa para todos envolvidos.

É imprescindível, também, a ação do professor em momentos presenciais. A prática educativa, em toda a sua complexidade, possibilita uma diversidade de contextos, entre estes, os momentos mediados pelas novas tecnologias que podem acontecer de forma on line, mas não de maneira exclusiva. É a possibilidade de romper com a homogeneização da escola tradicional.

Portanto, professores e alunos dos cursos a distância, devem mediar relacionamentos eficientes e concretos, estabelecer vínculos de proximidade e confiança, construir relações de afetividade e respeito, engajar sujeitos individuais em um processo coletivo, estimular a autonomia, a autoria e a criatividade.

Outras considerações importantes

Aderir ao modismo da EAD pode se constituir em um grande equívoco se os profissionais envolvidos persistirem em uma concepção instrumental da técnica, resgatando os princípios da tendência tecnicista que entre outros pontos, enfatizava os meios em detrimento dos fins; limitarem-se em transpor as práticas presenciais para os ambientes de ensino a distância; insistirem na fragmentação do fazer pedagógico, delimitando o papel do professor a mero tutor que muitas vezes apenas executa a proposta de trabalho sem ter participado da sua concepção e elaboração.

Discutir a presença dos elementos tecnológicos na sociedade contemporânea se constitui em condição *sine-qua-non*. Pensá-los como elementos mediadores do fazer pedagógico é o nosso grande desafio, já que a interação com estes suportes deve se constituir em requisito básica para o processo de formação de gestores seja no nível inicial ou continuado, contribuindo assim, para uma melhora significativa da práxis pedagógica destes sujeitos.

Portanto, faz-se necessário redesenhar currículos que dêem conta de processos de comunicação não mais unidirecionais, que superem a transmissão e a simples reprodução oral dos conhecimentos.

Uma instituição formadora de sujeitos atuantes e críticos deve estar à frente na valorização da construção coletiva, da criatividade, da aprendizagem através da imagem, do audiovisual, das trocas, da constante interação, privilegiando além do cognitivo, o afetivo e o intuitivo. Todas estas possibilidades estão potencializadas nas tecnologias da comunicação e informação presentes nos ambientes de ensino a distância.

Para saber mais, sugerimos:

1. O site da ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância – www.abed.org.br
2. O site www.comunidadesvirtuais.pro.br
3. O site www.saladeaulainterativa.pro.br
4. A leitura dos livros:

ALVES, L. R. G., NOVA, C. C. Educação e tecnologia: trilhando caminhos.. Salvador : Editora da UNEB, 2003.

ALVES, L. R. G., NOVA, C. C. Educação à distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade. São Paulo: Futura, 2003.

SILVA, Marco. Educação online. São Paulo: Loyola, 2003.